

# A COR DO VALOR: O INGLÊS COMO ÍNDICE DE RACIALIZAÇÃO NA FRONTEIRA BRASIL-GUIANA

EL COLOR DEL VALOR: EL INGLÉS COMO ÍNDICE DE RACIALIZACIÓN EN LA FRONTERA ENTRE BRASIL Y GUYANA

THE COLOR OF VALUE: ENGLISH AS AN INDEX OF RACIALIZATION ON THE BRAZIL-GUYANA BORDER

LA COULEUR DE LA VALEUR : L'ANGLAIS COMME INDICE DE RACIALISATION À LA FRONTIÈRE ENTRE LE BRÉSIL ET LA GUYANE

**Natália Barroncas da Fonseca**

Professora de Língua Inglesa,  
do Colégio de Aplicação da  
Universidade Federal de Roraima,  
Brasil.

[natalia.fonseca@ufrb.br](mailto:natalia.fonseca@ufrb.br)

<https://orcid.org/0000-0002-8446-7745>

**Pedro de Moraes Garcez**

Professor titular, Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul,  
Brasil.

[pedrom.garcez@ufrgs.br](mailto:pedrom.garcez@ufrgs.br)

<https://orcid.org/0000-0001-8642-678X>

<https://orcid.org/0000-0001-8642-678X>

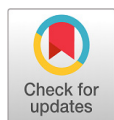
## RESUMO

Este artigo discute o trabalho ideológico da linguagem no discurso de migrantes guianenses na fronteira Brasil-Guiana ao tratarem do seu repertório sociolinguístico. A análise de entrevistas com guianenses racializados revela os valores de uso e de troca atribuídos por eles ao recurso linguístico “inglês”. No enquadre teórico-metodológico sobre linguagem no capitalismo avançado, trabalho ideológico da linguagem, ideologias raciolinguísticas e valor de uso e de troca, examinamos trechos de entrevistas com migrantes guianenses, habitantes da zona de fronteira Brasil-Guiana, sobre seu repertório linguístico, com ênfase no “inglês”. A análise evidencia que, para referentes distintos de “inglês”, há valoração diversa. O valor de uso dos referentes de inglês é mínimo, pelo sentimento de vergonha de falar marcado por ideologias raciolinguísticas. Quanto ao inglês em escala local, seu valor de troca parece inferior ao esperado da “língua global”, pois os participantes não indicam seu uso para vantagem econômica ou distinção. Assim, ampliamos o entendimento das interseções entre linguagem e raça ao mostrarmos como, nesse contexto periférico, as ideologias raciolinguísticas restringem a atribuição de valor a um recurso linguístico supostamente valorizado globalmente.

**Palavras-chave:** trabalho ideológico da linguagem, racialização, valor de uso e troca, inglês na fronteira, ideologias raciolinguísticas, análise semiótica

## RESUMEN

Este artículo analiza el trabajo ideológico del lenguaje en el discurso de los migrantes guyaneses en la frontera entre Brasil y Guayana, al abordar su repertorio sociolingüístico. El análisis de entrevistas con guyaneses racializados revela los valores de uso y de intercambio que ellos atribuyen al recurso lingüístico «inglés». En el marco teórico-metodológico sobre el lenguaje en el capitalismo avanzado, el trabajo ideológico del lenguaje, las ideologías raciolingüísticas y el valor de uso e intercambio, examinamos fragmentos de entrevistas con migrantes guyaneses, habitantes de la



Recebido: 2025-03-01 / Aceito: 2025-08-01 / Publicado: 2025-10-17

<https://doi.org/10.17533/udea.ikala.360063>

Editoras: Marleen Haboud Bumachar, Pontificia Universidad Católica de Ecuador, Ecuador; Silke Jansen, Universidad de Erlangen-Nürnberg, Alemanha; Ana Isabel García Tesoro, Universidad de Antioquia, Medellín, Colômbia; Luanda Sito, Universidad de Antioquia, Colômbia.

Direitos patrimoniais, Universidad de Antioquia, 2025. Este é um artigo em acesso aberto, distribuído nos termos da licença BY-NC-SA 4.0 Internacional da Creative Commons.



*Íkala, Revista de Lenguaje y Cultura*

MEDELLÍN, COLOMBIA, VOL. 30 NÚM. 3 (SETEMBRO-DEZEMBRO, 2025), PP. 1-19, ISSN 0123-3432

[www.udea.edu.co/ikala](http://www.udea.edu.co/ikala)

zona fronteriza entre Brasil y Guyana, sobre su repertorio lingüístico, con énfasis en el «inglés». El análisis evidencia que, para referentes distintos del «inglés», hay una valoración diversa. El valor de uso de los referentes del inglés es mínimo, por el sentimiento de vergüenza de hablar marcado por ideologías raciolingüísticas. En cuanto al inglés a escala local, su valor de cambio parece inferior al esperado de la «lengua global», ya que los participantes no indican su uso para obtener ventajas económicas o distinción. Así, ampliamos la comprensión de las intersecciones entre lengua y raza al mostrar cómo, en este contexto periférico, las ideologías raciolingüísticas restringen la atribución de valor a un recurso lingüístico supuestamente valorado a nivel mundial.

**Palabras clave:** trabajo ideológico del lenguaje, racialización, valor de uso e intercambio, inglés en la frontera, ideologías raciolingüísticas, análisis semiótico

## ABSTRACT

This article discusses language ideological work in the discourse of Guyanese migrants on the Brazil-Guyana border regarding their sociolinguistic repertoires. An analysis of interviews with racialized Guyanese migrants in Brazil reveals the use and exchange values attributed by them to the linguistic resource “English.” Drawing on the theoretical and methodological framework of studies on language in advanced capitalism, language ideologies, racialized language ideologies, and use-and-exchange value, we examine excerpts from interviews with Guyanese migrants living in the Brazil-Guyana border area about their linguistic repertoire, with an emphasis on “English.” The analysis shows that, for different references to “English,” there are different valuations. The use value of references to English is minimal, due to the feeling of shame in speaking it, marked by raciolinguistic ideologies. As for English on a local scale, its exchange value seems lower than expected for this “global language,” as participants do not report using it for economic advantage or social prestige. Thus, we broaden the understanding of the intersections between language and race by showing how, in this economically peripheral setting, raciolinguistic ideologies constrain the attribution of value to a linguistic resource that is otherwise globally valued.

**Keywords:** language ideological work, racialization, use-and-exchange value, English on the border, raciolinguistic ideologies, semiotic analysis

## RÉSUMÉ

Cet article traite du travail idéologique du langage dans le discours des migrants guyanais à la frontière entre le Brésil et la Guyane, en abordant leur répertoire sociolinguistique. L’analyse d’entretiens avec des Guyanais racialisés révèle les valeurs d’usage et d’échange qu’ils attribuent à la ressource linguistique « anglais ». Dans le cadre théorique et méthodologique sur la langue dans le capitalisme avancé, le travail idéologique de la langue, les idéologies raciales linguistiques et la valeur d’usage et d’échange, nous examinons des extraits d’entretiens avec des migrants guyanais, habitants de la zone frontalière entre le Brésil et la Guyane, sur leur répertoire linguistique, en mettant l’accent sur « l’anglais ». L’analyse montre que, pour des référents distincts de l’« anglais », il existe une valorisation différente. La valeur d’usage des référents de l’anglais est minimale, en raison du sentiment de honte de parler marqué par les idéologies raciolinguistiques. Quant à l’anglais à l’échelle locale, sa valeur d’échange semble inférieure à celle attendue d’une « langue mondiale », car les participants n’indiquent pas son utilisation à des fins économiques ou de distinction. Ainsi, nous élargissons la compréhension des intersections entre langue et race en montrant comment, dans ce contexte périphérique, les idéologies raciolinguistiques restreignent l’attribution de valeur à une ressource linguistique supposée valorisée à l’échelle mondiale.

**Mot clés :** travail idéologique du langage, racialisation, valeur d’usage et d’échange, anglais à la frontière, idéologies raciolinguistiques, analyse sémiotique

## Introdução: O inglês que se desvaloriza

A atribuição de valor ao inglês na fronteira Brasil-Guiana apresenta uma peculiaridade: embora esse recurso seja geralmente valorizado globalmente (cf. Park, 2009; Park & Wee, 2012; Park, 2021), guianeses falantes de inglês na fronteira Brasil-Guiana sugerem que existem valores distintos, tanto nos seus usos cotidianos quanto na (pouca) mobilização que fazem desse repertório para ganhos econômicos ou distinção social.

Dessa maneira, a pergunta que orienta este estudo é: qual é o valor de uso e de troca do inglês falado na fronteira Brasil-Guiana, conforme revelado pela análise das ideologias de linguagem que atravessam os discursos das participantes? Logo, o objetivo deste artigo é apresentar e discutir o trabalho ideológico da linguagem nos discursos de migrantes guianenses em torno da atribuição de valor ao recurso linguístico nomeado como inglês, examinando como as ideologias raciolinguísticas orientam essa valorização na fronteira Brasil-Guiana.

Os dados apresentados em Fonseca (2023) revelam que os relatos de práticas linguísticas locais de migrantes guianenses em Bonfim, Roraima, Brasil, são moldados por ideologias raciolinguísticas que reforçam discursos de (in)adequação (Flores & Rosa, 2015, pp. 150-151) que hierarquizam variedades linguísticas consideradas apropriadas ou não, orientando diretamente a percepção dos participantes sobre o valor do inglês na região.

A partir de enquadre teórico-metodológico contemporâneo sobre linguagem no capitalismo avançado (Duchêne & Heller, 2012), trabalho ideológico da linguagem (Gal & Irvine, 2019), ideologias raciolinguísticas (Flores & Rosa, 2015; Alim *et al.*, 2016) e valor de uso e de troca (Harvey, 2014), examinamos trechos de entrevistas com duas migrantes guianenses, June e Zaniyah, habitantes da zona de fronteira Brasil-Guiana, a respeito do seu repertório linguístico, com ênfase no item linguístico nomeadamente reconhecido como inglês. Essas entrevistas semiestruturadas

foram realizadas no segundo semestre de 2021, fazendo parte do corpus de análise da pesquisa de Fonseca (2023), um estudo empírico de abordagem qualitativa realizado durante a pandemia de COVID-19. Participaram dessa pesquisa migrantes guianenses e brasileiros residentes na fronteira Brasil-Guiana, sendo analisados, neste artigo, trechos de entrevistas com duas participantes.

Das pesquisas sobre a linguagem realizadas na região de fronteira Brasil-Guiana nos últimos 10 anos (Braga, 2016; Fonseca, 2015; Lima, 2015; Martino, 2016; Prudente, 2019) atentas, em alguma medida, a indicadores de valores atribuídos ao inglês, faltava uma análise detida sobre como os migrantes guianenses residentes no lado brasileiro da fronteira construíram seus discursos de (in)adequação. Não havia, portanto, compreensão precisa de como esses discursos de atribuição de valor se conectavam às experiências individuais dos participantes e às estruturas de poder colonial. Ademais, tais estudos não evidenciavam um rompimento, tampouco uma tentativa de superação, da noção moderna de língua, concebida como instrumento do projeto nacionalista, conforme discutido por Anderson (1983).

Assim, no presente artigo, em lugar da concepção moderna de língua, adotamos a abordagem de repertórios linguísticos (Jaffe, 2000), pois nos permite compreender as trajetórias de linguagem, especialmente quando a nomeação institucionalizada dos recursos linguísticos adquire diferentes sentidos, dependendo de contextos específicos de usos cotidianos. Por conta dessa lente teórica, neste estudo avançamos na elucidação das dinâmicas de racialização que moldam as construções discursivas sobre o inglês na região pesquisada. A compreensão que desenvolvemos, especialmente no que se refere à construção semiótica dos discursos de (in)adequação pelos próprios participantes, nos levou a identificar que se trata de uma construção racializada da noção de adequação linguística (Fonseca, 2023). Esse cenário, juntamente com os trechos de entrevistas das participantes June e Zaniyah apresentados aqui, aponta para a

necessidade de uma investigação sobre os processos discursivos racializantes no cotidiano dos migrantes, particularmente em relação à maneira como esses discursos interagem com práticas de racialização e exclusão social, ou são produtos delas.

Esses discursos revelam como a linguagem é valorizada ou desvalorizada, especialmente o inglês falado na fronteira, que possui valor reduzido no contexto local quando comparado ao inglês globalmente reconhecido. O trabalho de Fonseca (2015), ao examinar o que diziam moradores guianenses sobre suas práticas linguísticas locais, mostrou que o inglês usado na fronteira tem valor de troca aquém do que se esperaria, considerando o status global dessa língua nomeada quando comumente identificada com centros de poder e dinamismo capitalista. Compreender esses processos de mobilização das ideologias raciolinguísticas e seu impacto na valorização das línguas nomeadas em contextos específicos, como o da fronteira Brasil-Guiana, contribui para o entendimento da relação entre linguagem e raça, construída para perpetuar desigualdade e exclusão social.

Este artigo visa preencher a lacuna mencionada, discutindo o trabalho ideológico da linguagem nos discursos dos migrantes guianenses e como eles atribuem valor ao inglês, desde uma perspectiva semiótica. A pesquisa foi realizada especificamente na cidade de Bonfim, estado de Roraima do lado brasileiro na zona de fronteira entre Brasil e Guiana. Do outro lado da fronteira demarcada pelo leito do rio Tacutu está Lethem, capital da Região 9 da Guiana. As duas cidades estão ligadas por via terrestre desde 2009 quando foi inaugurada a ponte internacional. Desde então, essa é uma região em que o fluxo migratório tem sido intenso, as interações linguístico-culturais são complexas, onde o inglês é falado de maneira diversa e é percebido de maneira diferenciada pelos migrantes, em comparação com o inglês falado em outros contextos.

Na região em questão, circulam diversos repertórios linguísticos reconhecidos pelas línguas nomeadas espanhol, inglês, português, macuxi, wapichana,

árabe, chinês e crioulo da Guiana (Machado & Pereira, 2019; Devonish & Thompson, 2012), com destaque para esse último, que pode se referir tanto ao inglês falado na fronteira quanto a um conjunto de itens linguísticos que não são reconhecidos como inglês. A dinâmica de valorização do inglês, conforme mostramos aqui, portanto, reflete uma hierarquia de valor que vai além do recurso linguístico em si, mas que está profundamente conectada a questões de colonialidade, raça e exclusão social, sobretudo em regiões fronteiriças onde questões de identidade, poder e pertencimento são intensamente negociadas.

No que segue, argumentamos que as ideologias raciolinguísticas desempenham papel central na restrição da atribuição de valor ao inglês falado por guianenses. Embora o inglês seja considerado recurso valorizado globalmente, o seu valor como item de repertório de guianenses na fronteira Brasil-Guiana é grandemente diminuído, o que limita o reconhecimento dessa língua nomeada como recurso prestigioso de seus falantes guianenses e a sua circulação na região. Conforme mostramos a seguir, do ponto de vista semiótico, o inglês funciona localmente ali como índice de racialização, marcando as diferenças entre os migrantes guianenses e outros grupos na fronteira. Assim, este estudo traz à tona como as relações coloniais persistem, moldando as práticas de linguagem e contribuindo para a construção de desigualdades sociais a partir da linguagem.

Este artigo está estruturado em cinco seções principais. Na seção intitulada “Semioses raciolinguísticas na compreensão da (des)valorização do inglês entre migrantes guianenses no lado brasileiro da fronteira Brasil-Guiana”, apresentamos o referencial teórico que fundamentou a pesquisa. Em seguida, na seção “Metodologia: escutar para tentar entender”, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados. A análise dos dados está distribuída entre as seções “A racialização dos corpos pelo inglês” e “O valor de um recurso que é índice de racialização”, onde examinamos índices de racialização dos corpos tendo o inglês como objeto semiótico e, a partir disso,



a atribuição de valor ao inglês na fronteira Brasil-Guiana. Posteriormente, a seção de discussão articula os achados à luz da literatura, e, por fim, a conclusão sintetiza os principais resultados, as implicações e as limitações deste estudo.

### **Semioses raciolinguísticas na compreensão da (des)valorização do inglês entre migrantes guianenses no lado brasileiro da fronteira Brasil-Guiana**

Uma perspectiva interacional que valoriza as trajetórias de vida das pessoas requer uma abordagem que não restrinja os recursos linguísticos à nomeação. Isso se dá porque as línguas humanas, nomeadas e com seus sistemas rigidamente delimitados, são construções que servem aos interesses do colonialismo e do nacionalismo, conforme apontam Makoni e Pennycook (2005, p. 138; 2007, p. 1). Nesse sentido, a noção de repertórios linguísticos, compostos por recursos linguístico-semiótico-culturais (Jaffe, 2000; Blommaert & Backus, 2013), permite entender a linguagem como um conjunto dinâmico de recursos que são “[...] mosaicos biograficamente montados de recursos comunicativos funcionalmente distribuídos”<sup>1</sup> (Blommaert & Backus, 2013, p. 29).

Levando isso em consideração e com base em Gal e Irvine (2019), realizamos um exame semiótico do trabalho ideológico da linguagem para discutir a atribuição de valores a determinados recursos linguísticos manifestados no discurso de migrantes guianenses na fronteira entre a Guiana e o Brasil, ao tratarem de seu repertório sociolinguístico. Nos interessa, especificamente, compreender as ideologias de linguagem implicadas nas valorizações atribuídas por essas pessoas ao que se nomeia como inglês. Esse interesse partiu da observação de um relato de um morador da fronteira sobre o inglês (Fonseca, 2015), que, aos nossos olhos, indicava uma desvalorização desse recurso, especialmente considerando o valor que ele possui em outros contextos. A partir dessa observação,

verificou-se, conforme Fonseca (2023), o que os moradores da fronteira estavam compreendendo como inglês e como estavam atribuindo valor a esse objeto.

Para tanto, mobilizamos o arcabouço proposto pelas referidas autoras que parte da tricotomia do signo peirceana (ícone, índice e símbolo) acrescida da noção de eixos de diferenciação (Gal & Irvine, 2019, p. 19), com foco em comparações e contrastes. No conjunto das ideologias de linguagem, as ideologias raciolinguísticas (Flores & Rosa, 2015; Alim *et al.*, 2016) são particularmente relevantes para o recorte de estudo apresentado, pois ajudam a compreender como nesse caso o inglês indicia a racialização dos corpos na sociedade contemporânea. Os trabalhos de Nelson Flores e Jonathan Rosa (Flores, 2019; Flores, 2020; Flores & Rosa, 2015; Rosa & Flores, 2017) são fundamentais por problematizarem discursos racializantes que perpetuam desigualdades, especialmente ao abordarem os discursos de adequação (Flores & Rosa, 2015). Flores e Rosa (2015, pp. 150-151) denunciam também como discriminatórios os discursos de adequação, que alegam que, se todas as variedades linguísticas são válidas, apenas algumas são consideradas adequadas em contextos de poder; assim, quem usasse os recursos “adequados” não seria objeto de discriminação e interdição. Destacando a intersecção entre linguagem e raça, os autores argumentam que pessoas racializadas serão comumente objeto de discriminação e interdição mesmo agindo mediante formas vistas como prestigiosas e “adequadas”.

Nesse sentido, as ideologias raciolinguísticas também se relacionam com os estudos da linguagem na economia globalizada, pois a desigualdade surge da noção de inadequação definida por padrões brancos institucionalizados. Essa lógica dialética opõe o que é valorizado ao que é visto como sem valor, e pesquisas que tentam questioná-la podem, paradoxalmente e inadvertidamente, reforçá-la. Os dados da pesquisa de Fonseca (2023) mostram que relatos de práticas linguísticas locais moldados por ideologias raciolinguísticas reforçam discursos de

1 [...] biographically assembled patchworks of functionally distributed communicative resources.

adequação e atribuem valor de troca que parece ser menor do que poderíamos esperar do inglês falado na fronteira. Portanto, a discussão sobre valor de uso e de troca<sup>2</sup>, proposta por Harvey (2014), alia-se aqui ao arcabouço semiótico de Irvine e Gal (2019) e às ideologias raciolinguísticas (Flores & Rosa, 2015; Alim *et al.*, 2016), fechando o conjunto de conceitos necessários à compreensão do fenômeno identificado em Fonseca (2023) e analisado neste artigo, qual seja: o inglês falado por sujeitos racializados na fronteira Brasil-Guiana tem seu valor definido conforme percepções atravessadas por ideologias raciolinguísticas (pp. 87-88).

Na fronteira Brasil-Guiana, os participantes relataram dois referentes de inglês: um opera localmente, e outro é mobilizado fora da fronteira, com algumas unidades linguísticas que se sobrepõem ao inglês local. No entanto, para os participantes, essa distinção entre o inglês usado localmente e aquele mobilizado fora da fronteira, assim como a sobreposição de certas unidades linguísticas, não é tão marcadamente relevante. Embora apareça em seus discursos, essa diferenciação parece responder mais a uma necessidade analítica dos pesquisadores com quem interagiram do que a uma categorização crucial para eles. Assim, os dados revelam que o inglês percebido localmente, nessa fronteira, pelos participantes tem certo valor de uso para eles, enquanto os poucos elementos linguísticos que coincidem com o inglês de fora possuem ainda menos valor de uso local. O valor de troca do primeiro é inexistente – ou o que identificamos como inexistente –, e o do segundo depende do que pode ser obtido com ele fora da fronteira.

A articulação proposta entre a semiótica do trabalho ideológico da linguagem (Irvine & Gal, 2019), as ideologias raciolinguísticas (Flores & Rosa, 2015; Alim *et al.*, 2016) e a noção de valor de uso

e de troca (Harvey, 2014) nos permite compreender como esses falantes da fronteira Brasil-Guiana constroem e atribuem valor ao inglês em suas práticas cotidianas. Os dados analisados evidenciam que a valoração do inglês na fronteira não segue a lógica predominante de prestígio da língua em contextos globalizados, como é o caso do fenômeno do “frenesi” em torno do inglês observado na Coreia (Park, 2009, 2021), sendo atravessada por ideologias raciolinguísticas que determinam a sua percepção. O exame semiótico das ideologias raciolinguísticas dos participantes revelou que essa *pouca* valoração tem como índice o próprio recurso linguístico.

A principal contribuição desta pesquisa, portanto, reside na elucidação crítica dessa dinâmica, ao demonstrar que a diferenciação entre os referentes de inglês – ainda que pouco marcada para os participantes – se manifesta discursivamente e é indissociável de processos de racialização e relações de poder, evidenciando como as relações coloniais persistem. Assim, este estudo avança na compreensão da interseção entre ideologias raciolinguísticas e economia política em contextos fronteiriços, desde uma perspectiva semiótica, apontando para a necessidade de análises que considerem os regimes de valoração de itens de linguagem a partir das experiências de sujeitos historicamente marginalizados.

### Metodologia: escutar para tentar entender

Este artigo é um recorte da pesquisa de Fonseca (2023). Trata-se de um estudo empírico de abordagem qualitativa (Mason, 2002) que explora o contexto pesquisado a partir da aproximação à perspectiva dos participantes. Neste artigo, analisamos trechos de entrevistas com duas migrantes guianenses que participaram da pesquisa original, June e Zaniyah. O projeto de pesquisa que deu origem ao estudo do qual este artigo é um recorte seguiu as normas e os procedimentos éticos para pesquisas com seres humanos, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, conforme parecer consubstanciado nº 4.722.524.

2 O valor de troca é determinado pelo custo dos materiais, serviços e tempo de trabalho investidos na produção de uma mercadoria. Para aumentá-lo, é necessário expandir suas possibilidades de uso, agregando novas funções ao objeto (Harvey, 2014, pp. 15-17).

Para garantir a preservação da identidade dos participantes, nomes fictícios foram utilizados. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, conforme descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e concordaram em participar por meio da gravação de um áudio de consentimento. Esses áudios foram devidamente arquivados em pastas específicas. As entrevistas foram conduzidas no segundo semestre de 2021, algumas de maneira remota, por meio de chamadas de vídeo, e outras presencialmente, após a disponibilização da vacina contra a COVID-19.

Os critérios de inclusão para os participantes desta pesquisa abarcaram migrantes guianenses, com ou sem cidadania brasileira, e brasileiros sem parentesco direto com guianenses, atuantes ou residentes na fronteira. Para os migrantes, considerou-se a autoidentificação como indígenas regionais (excluindo, contudo, candidatos que tivessem registros formais na FUNAI), histórico familiar local na região administrativa nº 9 da Guiana, ascendência indiana ou africana, e vínculos com religiões específicas (hindu ou cristã).

A escolha desses critérios visou abordar questões de mobilidade e ampliar a triangulação das perspectivas sobre a presença guianense na região. Ao todo, foram realizadas 15 entrevistas, das quais 12 com participantes de origem guianense e três com brasileiros, com idades entre 23 e 70 anos na época da geração de dados. Para fins deste artigo, serão analisados apenas trechos de duas entrevistas de migrantes guianenses moradoras de Bonfim (RR), conforme já mencionado.

As entrevistas foram transcritas inicialmente sem convenções, com o objetivo de garantir uma versão escrita completa do material gravado, possibilitando a segmentação posterior. A segmentação dos dados foi realizada com base na análise temático-discursiva, considerando as questões e objetivos da pesquisa, que abordam ideologias de linguagem, localidade, mobilidade e outras dinâmicas. Seguindo a orientação de Heller *et al.* (2018, p. 104), iniciamos o exame dos dados partindo

de expectativas preliminares para guiar o mapeamento e identificar conexões relevantes. Após a segmentação e indexação, os trechos selecionados foram transcritos de acordo com o modelo Jefferson adaptado proposto por Garcez *et al.* (2014, p. 272), com apenas esses segmentos passando por esse processo.

A transcrição foi realizada diretamente em uma tabela, na qual foram registrados o número da linha, os interlocutores e o conteúdo falado. Conforme as diretrizes de Garcez *et al.*, (2014, pp. 268-269), adotamos a fonte Courier tamanho onze, e ajustamos a ortografia de modo a refletir com exatidão o discurso, incluindo as variações de concordância verbal e nominal. Os sinais que indicam atenção e concordância vocal (Garcez *et al.*, 2014, p. 269) foram registrados como “humrum”, “anham”, “ah”, “äh”, “hum”. Para a transcrição e medição de micropausas e silêncios, utilizamos os softwares ExpressScribe e Audacity. A análise dos trechos transcritos foi conduzida por meio de “leituras interpretativas e reflexivas” (Mason, 2002, p. 149), o que possibilitou aos pesquisadores refletirem sobre os significados das produções dos participantes, considerando tanto suas próprias concepções quanto as expressões dos participantes.

A análise foi orientada pela abordagem semiótico-ideológica proposta por Gal e Irvine (2019), centrada nos processos de diferenciação construídos entre signos e seus objetos, conforme interpretados a partir de perspectivas sociais situadas. A partir desse enquadre, buscamos compreender como, nos enunciados das participantes, certos elementos discursivos – expressões, formulações avaliativas, oposições e contrastes – passam a compor campos de significação que produzem valor e tornam-se socialmente legíveis como índices de posições e diferenciações sociais. Os signos e recursos linguísticos mobilizados não foram identificados de maneira isolada, mas na observação das relações de contraste e de associação construídas discursivamente, por meio das quais se produzem sentidos racializados sobre repertórios linguísticos

e posições sociais na fronteira. Para compreender melhor essas interpretações, apresentamos a seguir informações sobre os participantes.

June, de origem guianense, 33 anos, é filha de pai brasileiro e mãe guianense. Aos sete anos, mudou-se para o Brasil, onde enfrentou dificuldades por não saber português, sofrendo bullying na escola. Ela se esforçou para aprender o idioma, a ponto de, conforme relatou, esquecer o inglês. Aos 17 anos, decidiu voltar à Guiana para reaprender o inglês, motivada pela visita de uma tia. Casou-se, teve um filho e viveu na Guiana por seis anos, retornando ao Brasil aos 23 anos. Desde então, reside em Bonfim e concluiu dois cursos técnicos, mas não conseguiu emprego nas áreas de formação.

Zaniyah, 53 anos, foi entrevistada após alguns meses do primeiro contato, com a ajuda de intermediários. Inicialmente reservada, mostrou-se depois expansiva e expressiva. Ela se identifica como afroguianense, indígena e guybras, por ser filha de mãe guianense e pai brasileiro. Nascida em Berbice, Guiana, tem oito irmãos e um avô que imigrou da África do Sul e viveu na Guiana e no Brasil. Aos 18 anos, grávida, mudou-se para o Brasil após ser expulsa de casa pela mãe. Atualmente, tem sete filhos brasileiros, é servidora pública, mora em Bonfim e já morou em Boa Vista, capital do estado de Roraima.

### A racialização dos corpos pelo inglês

Partindo da expectativa inicial de uma possível desvalorização do inglês na zona de fronteira pesquisada (Fonseca, 2023), buscamos compreender o que as participantes entendiam por inglês, com o intuito de elucidar o que exatamente estava sendo

desvalorizado e se isso realmente ocorria. Para nós, pesquisadores brancos e oriundos de regiões menos periféricas, parecia surpreendente e curioso que um grupo de pessoas falantes de inglês atribuísse menor valor do que o esperado para a “língua global”, especialmente ao considerarmos a valorização atribuída a esse item de repertório em outros contextos (cf. Park, 2009; Park & Wee, 2012; Park, 2021).

Para superar uma limitação em nossa compreensão dos referentes de inglês mobilizados pelas participantes e, possivelmente, identificar o que estava sendo desvalorizado, foram organizadas figuras a partir dos relatos dos participantes, criando um quadro sinótico para ilustrar as relações indiciais no objeto pesquisado (Fonseca, 2023, pp. 126, 128, 133; ver Figura 1 abaixo). As ilustrações buscaram nos ajudar a compreender as ideologias que estavam em jogo para as participantes, sem, no entanto, simplificar a complexidade da realidade social vivida por elas. Para este artigo, mostraremos trechos dos relatos de June e Zaniyah apenas. Iniciamos pelo que Zaniyah respondeu ao ser questionada sobre o inglês da Guiana (Tabela 1).

Zaniyah explicou que o inglês da Guiana é o britânico, mas que há também uma “gíria” originada no período de escravidão, que é a mais falada no país (linhas 03-05). Ela afirmou que essa “gíria” surgiu como uma maneira de “fugir”, o que nos leva a interpretar isso como uma prática fruto do isolamento social das comunidades quilombolas e da preservação da língua crioula, que ainda é pouco ou nada compreensível para pessoas de fora. Ela mencionou a Inglaterra e os EUA como exemplos de lugares onde as pessoas não entendem essa “gíria” (linhas 10-14). Quando lhe foram pedidos

**Tabela 1** Excerto de entrevista com Zaniyah

01	Natália:	=como é que é o inglês da Guiana?
02	Zaniyah:	é "britânico", mas a gente tem um giro por causa
03		da escravidão, né? depois da escravidão e as
04		pessoas poder fugir, né? eles criaram um giro que:
05		que:: isso daí é mais falado lá (.) na Guiana, e



**Tabela 1** Excerto de entrevista com Zaniyah (continuação)

06	Zaniyah:	as > pessoas mas vocês não falam inglês< do da
07		Inglaterra, dos Estados U- f f ala fala mas, a
08		gente usa mais o giro
09	Natália:	humrum
10	Zaniyah:	né? e as pessoas não compreendem o °giro°, aí
11		essa da- nem nos Estados Unidos, nem na Inglaterra
12		eles não entendem o giro, QUANDO tu chega na
13		Inglaterra, ou os Estados Unidos, você tem que
14		voltar à escola
15	Natália:	pode me dar um exemplo?
16	Zaniyah:	a m linha tia, a minha tia saiu da Guiana foi pros
17		os Estados Unidos, aí ela tive que voltar à
18		escola, de primário, pra aprender a lín- FALA do
19		jeito deles né? porque eles não aceita assim,
20		não, que você chega nos Estados Unidos falar
21		inglês, aí você vai entrar? não, todo mundo tem
22		que volta porque eles falam mais no gogó
23	Natália:	consegue me dar um exemplo para diferenciar?
24		pra eu entender melhor?
25	Zaniyah:	pra você entender melhor, né?
26		(2.0)
27	Zaniyah:	eu vou dizer a palavra Deus, go::d, my go:d, o
28		americano oh my go::d oh my go::d o god, ((levanta-se
29		e mexe os ombros)) tá de::ntro, num é go::d que você
30		ouve o d oh my go:d, e assim eles falam, l'm hurt,
31		sabe? be:m curtinha enquanto o o o inglês não °ah ( )
32		brigado° o inglês, não, a gente é assim escandalosa
33		hhh ((gargalhadas))
34	Natália:	e na gíria que você falou que na na na gíria que é
35		mais falada, né, [na Guiana]
36	Zaniyah:	[ anham ]
37	Natália:	o quê que tem de [diferente?]
38	Zaniyah:	[eu v- eu vou] dizer a mesma my
39		god
40	Natália:	hum
41	Zaniyah:	oh mi gód (0.3) (assim) é mais VULGAR, sabe? oh mi
42		gód*, (about wrong to she?) what's wrong with her?
43		(da) a diferença e os indianos da Índia
44		eu vou falar de nós aqui
45	Natália:	hum

\*A pronúncia desta palavra é com a vogal aberta.

exemplos, Zaniyah contou sobre sua tia, que mora nos EUA e precisou adaptar seu inglês para o jeito americano, destacando a diferença na maneira de falar, mais “curtinha” (linha 31) nos EUA e mais “escandalosa” (linha 32) na Guiana. Zaniyah explicou as diferenças na maneira de dizer “god” nos diferentes tipos de inglês, e, ao imitar o jeito estadunidense, ela usou a expressão corporal para ilustrar isso, o que sugere que a diferença não se restringe

apenas ao uso linguístico, mas também ao grupo social e à origem de quem fala (linhas 27-33). Na sequência, vemos o que June afirma sobre o inglês (Tabela 2).

June explica o inglês que (re)aprendeu ao compará-lo com o falado nos Estados Unidos. Ela menciona que o inglês falado na Guiana é repleto de gírias, enquanto o inglês dos EUA seria o “normal”. Em

**Tabela 2** Excerto de entrevista com June

01	June:	vivo hoje e:: (.) e eu fiquei seis, seis anos na Guiana
02		seis anos morando pra lá totalmente, aí aprendi
03		totalmente o inglês e o inglês de lá é:: muito
04		dife[re]nte que o inglês dos Estados Unidos
05	Natália:	é::?
06	June:	porque:: é:: por- gírias, eles falam muitas gírias
07		na Guiana
08	Natália:	[ pode me dar um ex- ]
09	June:	[lá nos Estados Unidos] não, o inglês deles é é::
10		como?
11	Natália:	não, pode, pode continuar, pode continuar
12	June:	pois é, aí:: lá: é que nem a:: (esse) inglês normal
13		que nem que eles falam, eles falam assim que nem uma
14		batata né? eles fala: potato e nos Estados Unidos e
15		lá não, eles fal- e no no gíria deles eles fala::
16		assim como alu, num tem, num tem nada ( ) que nem
[...]		
20	June:	[ aí ] é <u>muito</u> , é <u>muito</u> também porque: assim eu
21		fui esquecendo também o inglês corre:to hh porque eu
22		convivia com eles, especialmente com os indianos, os
23		indianos, que eu sou casada com um descendência de
24		indiano, meu esposo

*Nota:* As palavras foram transcritas conforme ouvidas. *Fonte:* Fonseca (2023, pp. 125-126).

seguida, dá o exemplo da palavra “batata” para ilustrar a diferença entre os dois. Para June, o inglês com gíria é o falado pelos guianenses descendentes de indianos, enquanto o inglês “normal” é o estadunidense, estabelecendo uma comparação ideologicamente moldada (Gal & Irvine, 2019,

p. 137) entre o que é “correto” e o que não é. Essas comparações destacam a diferença entre inglês normal/correto e inglês com gíria. Seguindo a entrevista, quando questionada sobre se havia diferenças entre o inglês de seu marido e o de sua mãe, June explicou (Tabela 3).

**Tabela 3** Excerto de entrevista com June

01	Natália:	tem diferença do inglês da tua mãe pro inglês do teu
02		mari <sup>1</sup> do?
03	June:	<u>tem</u> , tem muita diferença humrum tem muita diferença
04		o inglês dela é normal mesmo, inglês (.) inglês que
05		a gente aprende (.) a::gora do meu marido não, é muito
06		gíria
07	Natália:	[ é::? ]
08	June:	[muito muito] gíria, e eu: eu falo muito gíria
09		em inglês também igual ele
10	Natália:	é::?
11	June:	até:: até eu me:: algumas vezes assim me confunde
12		assim falando co::m o inglês de::lá e com o inglês
13		dele, e algumas vezes ela sorri de mim
14		também quando eu tô falando hhh ((risos))
15	Natália:	é::?
16	June:	porque é muito gíria inglês deles

Fonte: Fonseca (2023, p. 127)

June menciona a “gíria” falada pelo marido e o inglês “normal”, mas, dessa vez, a comparação não é com o inglês dos Estados Unidos, mas sim com o inglês falado por sua mãe, também guianense, porém de origem não indiana. Nesse caso, o contraste entre “gíria” e “normal”, mas os objetos de comparação variam. Gal e Irvine (2019) afirmam que “[...] novos contrastes qualitativos podem ser adicionados a um eixo, transformando-o”<sup>3</sup> (p. 119). A troca dos objetos de contraste pode significar tanto uma mudança no eixo quanto uma nova configuração desse eixo. Nos dois trechos, surgem referências ao inglês com “gíria” e ao “normal”, mas com objetos de contraste distintos. Para June, “gíria” pode se referir ao inglês dos indo-guianenses ou ao da Guiana, enquanto “normal” se aplica tanto ao inglês estadunidense quanto ao guianense, a depender dos objetos de contraste. June reorganiza os índices do “normal” por meio de novos contrastes, evidenciando o eixo central Gíria x Normal, relacionando comportamentos linguísti-

cos a grupos sociais (Gal & Irvine, 2019, p. 122) e revelando hierarquias étnico-raciais. O mesmo eixo de diferenciação emerge dos relatos de June e de Zaniyah e que representamos no campo indicial<sup>4</sup> de Zaniyah e June na Figura 1.

A formação da ideologia de contraste é determinada pelas trajetórias de vida individuais e pela persistência das relações coloniais. Os objetos contrastantes conformam comparações que criam eixos de diferenciação, os quais podem ser reafirmados ou transformados (Gal & Irvine, 2019, p. 119). Nos dados apresentados, há a reafirmação do mesmo eixo, revelando ideologias de linguagem, especialmente raciolinguísticas. Os dados mostram que o eixo inglês correto/normal x inglês errado/não-correto/gíria resulta de qualidades contrastantes apontadas pelas participantes. Nesse processo, surgem categorias étnico-raciais que rematizam (isto é, indiciam iconicamente) grupos sociais por meio do uso linguístico.

3 [...] new qualitative contrasts may be added to an axis, transforming it.

4 As ilustrações dos campos indiciais foram baseadas em Su (2022).

Figura 1 Campo indicial de Zaniyah e June



Fonte: Fonseca (2023, p. 133)

12

As ideologias de linguagem presentes entre os participantes não são explicitamente declaradas, mas ficam evidentes nos contrastes observados, os quais revelam ideologias racializadas. Nesse contexto fronteiriço, os recursos linguísticos refletem valores locais e discursos hegemônicos, como os de padronização linguística e de colonialidade. A noção de inglês “correto” vinculado ao modelo britânico demonstra o legado colonial, conectando a norma ao poder do colonizador branco.

### O valor de um recurso que é índice de racialização

Após identificarmos categorias linguísticas e étnico-raciais expressas nas falas das participantes, perguntamos às participantes se elas já haviam presenciado alguma situação de vergonha, embaraço ou constrangimento envolvendo o inglês. Embora o exame dos dados já apontasse para uma avaliação de quem usa o inglês, ainda não estava evidente a razão exata para a suposta desvalorização do recurso linguístico. O exame detido dos dados nos permitiu perceber que as participantes atribuem algum valor de uso ao inglês local por atender à necessidade de comunicação cotidiana, mas esse valor é limitado pela vergonha e

julgamento social, o que resulta em valor de troca zero ou o que consideramos como próximo a zero. O inglês que circula além da fronteira tem pouco valor de uso local devido à desvalorização de quem o fala por questões de raça e condição econômica, e seu valor de troca depende do contexto fora da fronteira. Dessa maneira, a valoração do inglês está ligada às percepções sobre o que é considerado “inglês” e sobre quem o fala. Os dados apresentados nesta seção sustentam esses achados.

Antes mesmo de ser questionada, June mencionou que algumas pessoas em Bonfim sentem vergonha de falar em inglês, embora não soubesse explicar exatamente o motivo. Ela sugeriu, no entanto, que essa vergonha pode estar relacionada ao fato de não quererem mostrar que falam inglês. Ela relatou episódios, como o de uma amiga guianense que se recusou a falar inglês com outra pessoa. Quando questionada sobre o motivo, June afirmou que não perguntou à amiga por receio de uma reação negativa (Tabela 4). Considerando essas informações, entende-se que essa vergonha está mais relacionada à identidade guianense no Brasil do que ao inglês em si, embora o recurso linguístico também influencie essa dinâmica.



**Tabela 4** Excerto de entrevista com June

01	Natália:	e além dessa tua amiga tu já viu outras pessoas com
02		vergonha de falar inglês?
03	June:	ah:: a minhas irmã também, minhas irmã que tãõ aqui
04		há muito tempo que nunca voltou pra Guiana, ah:: <u>ela</u>
05		algumas vezes quando eu tô falando inglês assim no
06		banco lá na: em Boa Vista, ela fala português menina
07		eu acho que ela:: fica assim: porque eu tô falando
08		inglês né com ela e:: algumas vezes também quando
09		eu vou falar algum coisa, aí eu lembro o nome daquilo
10		em inglês e eu não sei o nome em português, aí eu
11		pego e falo em inglês, aí eles fica::m (0.4)
12		constrangedor assim

Fonte: Fonseca (2023, pp. 181-182)

June contou que suas irmãs também sentem vergonha de falar em inglês e preferem que ela fale em português. Isso indica que o desconforto não se limita ao uso do inglês, mas está relacionado ao fato de, no Brasil, não falar português ou, ao falar inglês, revelar que são guianenses e não brasileiras. Zaniyah também já presenciou pessoas com vergonha de falar em inglês em Bonfim (Tabela 5).

Assim como com June, falamos com Zaniyah sobre se existe essa vergonha em falar em inglês por parte de algumas pessoas em Bonfim, e, ao responder, ela mencionou os indo-guianenses. Para ela, esse grupo nem inglês fala (linha 07), mas tem uma maneira própria de se expressar, referindo-se a isso como “giro”. Embora mencione também os afro-guianenses, sua principal referência de quem

não fala nem inglês é o grupo indiano, apesar de dizer que os entende.

As entrevistas apontam diferenças étnico-raciais relacionadas à herança colonial da Guiana. Como apontam McElhinny e Heller (2020, p. 134), o colonialismo estabeleceu hierarquias sociais baseadas, sobretudo, em distinções raciais e religiosas muitas vezes indiciadas por (des)valorizações de repertórios linguísticos. No entanto, nos dados examinados, a religião não se destacou como fator determinante, enquanto a linguagem teve um papel central na consolidação dessas diferenças (Wirtz, 2020, pp. 213-214). Assim, como índice de racialização, o inglês assume diferentes valorizações. Essa distinção se reflete em seus valores de uso e de troca, determinados pelas hierarquias

**Tabela 5** Excerto de entrevista com Zaniyah

01	Natália:	mas você já viu alguém com vergonha aqui em Bonfim
02		de [fa-]
03	Zaniyah:	[ah::] tem mui::tas cara de pau me dá raiva (.)
04	Natália:	[é?]
05	Zaniyah:	[ah] não, eu esqueci, a tãõ não, eu não fãõ fala bem,
06		fala tua língua no jeito que você que::, porque tem
07		os indianos, eles não falam nem inglês, eles têm
08		um outro giro, os ah negros também têm outro giro

Fonte: Fonseca (2023, pp. 143-144)

raciais e pela circulação do recurso linguístico na fronteira.

Buscando perscrutar os valores do inglês na fronteira Brasil-Guiana, perguntamos às participantes se possuir o inglês no repertório lhes trazia algum diferencial. Na dinâmica de Bonfim-Lethem, boa parte dos participantes não percebeu impacto significativo, destacando apenas sua utilidade para comunicação e ajuda. Alguns mencionaram prestígio local e oportunidades de emprego, e Zaniyah foi categórica (Tabela 6).

Zaniyah afirmou que falar inglês não traz para ela um diferencial, pois não impacta seu salário, exceto se atuar como tradutora. Sua resposta sugere a perspectiva de que duvida que o inglês

poderia gerar benefícios financeiros, o que, para ela, é “mito”. Entendemos, portanto, que, embora o inglês funcione como distinção econômica, seus referentes locais não têm a mesma valorização, sendo vantajoso apenas quando usado com agentes externos, como no caso relatado por Zaniyah.

O contexto sociopolítico-cultural de Bonfim não cria condições para a produção de inglês como mercadoria. Os participantes compartilham a noção de que o inglês é um recurso que proporciona acesso e pode gerar ganho financeiro, como na fala de Zaniyah sobre tradução, mas as práticas linguísticas locais não são tratadas como mercadoria, nos termos de Heller e seus colaboradores. Sem essas condições, o inglês também não possui, localmente, valor de uso e de troca.

**Tabela 6** Excerto de entrevista com Zaniyah

01	Natália:	você acha que falar inglês te dá algum diferencial?
02	Zaniyah:	não, porque eu não ganho o meu salário não (hhh) é
03		melhor que NINGUÉM, não, não, não, isso daí é
04		“mito” só se eu ser um tradutora, sabe? só assim,
05		mas num emprego como prefeitura ou com o governo,
06		NÃO
07	Natália:	existe algum lugar que falar inglês faz alguma
08		diferença?
09		(0.3)
10	Zaniyah:	pra benefício próprio? pode até ser, né,
11		porque olha só o o mala:ndro, se eu vou chegando
12		dois pessoas, a gente fica conversando em uma
13		língua que o outro não sabe, né, fa- traz um
14		benefício para ele, porque eu vou rouba::r aí eu
15		falo na tua cara, porque você não sabe nada, você
16		é otária e eu vou ficar falando, e: você está lá,
17		pode até falar que eu vou te roubar e tô rindo e
18		tô: e você vai rindo junto comigo, né? então assim,
19		na parte da malandragem, eu acho que sim, mas eu
20		não acho (.) NÃO É JUSTO, não é bom, porque eu
21		sempre disse se eu falo inglês, você fala inglês,
22		você quer comunicar comigo em inglês, tudo bem, mas
23		se acontecer alguma coisa, por exemplo, aí você

Fonte: Fonseca (2023, pp. 187-188)

Para atingir o valor de troca, é necessário, antes, entender o valor de uso, e isso pode ser feito por meio da compreensão do campo indicial. Park e Wee (2012, p. 127) afirmam que “[a]ssim como o valor da mercadoria [...], o valor econômico de uma variedade linguística também é moldado pelas imagens de seus falantes e seus contextos típicos de uso aos quais está indicialmente vinculado”<sup>5</sup>. No caso do campo desta pesquisa, as relações indiciais apontam para algum valor de uso do inglês local, pois é nele que ocorrem a maior parte das práticas comunicativas e a organização hierárquico-social. No entanto, esse valor de uso não se traduz em valor de troca. A relação dialética que implica a dependência mútua entre ambos (Harvey, 2014), em que o aumento de um resulta no aumento do outro, não é observada no contexto pesquisado. O que se verifica, ao contrário, é uma inversão dessa relação dialética devido ao processo de racialização, que acaba por reduzir ambos os valores.

## Discussão

Para compreendermos qual valor as participantes atribuíam ao seu repertório linguístico, foi necessário, antes, entender a que elas se referiam ao mencionar o inglês. Afinal, para nós, era difícil entender que o inglês falado na fronteira entre Brasil e Guiana fosse pouco valorizado. Foi, portanto, fundamental compreender o que elas reconheciam como inglês para explicar qualquer atribuição de valor. Essa constatação nos conduz a duas conclusões fundamentais: (1) a concepção moderna de língua nomeada permaneceu presente em nossa análise, apesar dos nossos esforços para superá-la, indicando uma impossibilidade nossa de verificar a atribuição de valor a recursos linguísticos sem, antes, nomeá-los; (2) os dados analisados revelaram que a nomeação não era um aspecto essencial para as participantes, corroborando a perspectiva de Blommaert e Backus (2013, p. 29),

5 Just as the value of the commodity [...] the economic value of a language variety is also shaped by the images of its speakers and its typical contexts of use to which it is indexically linked.

segundo a qual a linguagem se configura como um mosaico de recursos biograficamente estruturados e distribuídos dentro de uma lógica funcional.

Conforme apresentado neste artigo, passamos a entender que “inglês” pode representar distintas entidades linguísticas para os participantes, abrangendo tanto o crioulo da Guiana quanto o inglês reconhecido fora de Bonfim. Quando entendido localmente como crioulo, esse inglês tem baixo valor de uso e nenhum valor de troca. Quando as participantes qualificam o inglês como aquele referente que é reconhecido fora da fronteira, ele não tem valor de uso, e seu valor de troca depende da percepção de sua aplicabilidade fora da fronteira. Para gerar benefício econômico no contexto local, ele não opera da mesma forma que nos espaços idealizados pelos participantes, tendo seu valor de troca associado principalmente a escalas além de Bonfim-Lethem.

Conforme Irvine (1989), o valor econômico de qualquer item de repertório linguístico resulta de sua construção social e da legitimidade conferida por aqueles que o definem. Neste estudo, o valor do inglês é produzido a partir de uma perspectiva racializada, que relaciona língua e raça. Os discursos de adequação (Flores & Rosa, 2015) evidenciam a racialização do inglês, a qual, por sua vez, revela a limitação de acesso a recursos enfrentada por corpos marginalizados pelo racismo e pela colonialidade.

Embora o inglês seja valorizado globalmente e sua difusão esteja ligada à expansão do capital (O’Regan, 2021), sua dinâmica na fronteira Brasil-Guiana é distinta, possivelmente devido à menor expressão da região na rota capitalista. O valor de troca local do inglês é reduzido, sendo visto pelos participantes desta pesquisa, assim como em estudo anterior de Elango *et al.* (2018, p. 141), como ferramenta de comunicação e participação na economia global, especialmente em interações externas.

O valor do inglês está relacionado não apenas às condições de mercado, mas também aos

processos semióticos (Park & Wee, 2012, p. 124) e ao trabalho ideológico da linguagem a partir desses processos (Gal & Irvine, 2019). Park e Wee (2012) argumentam que o valor do inglês é constituído por processos indiciais, como o campo indicial e a interdiscursividade, com base nas práticas discursivas, destacando que “[...] a importância da prática na constituição do mercado linguístico – não são regras impostas ou sistemas externos que determinam a estrutura do mercado, mas as práticas das pessoas no discurso”<sup>6</sup> (p. 125). A amostra de análise dos dados apresentada acima confirma que as práticas discursivas são relevantes, mas também atesta que são moldadas por elementos externos, como o acesso a recursos simbólicos e materiais, a estrutura de classes e a percepção racial do falante.

Park e Wee (2012, p. 39) e Gal e Irvine (2019, p. 190) destacam a importância da interdiscursividade na construção de sentidos sobre diferentes discursos e suas relações. No entanto, Gal e Irvine adotam uma perspectiva comparativa mediante a identificação de eixos de diferenciação para verificar e compreender essas relações, abordagem também utilizada neste estudo. Esse olhar possibilitou identificar distintos níveis de contraste entre objetos, evidenciando o trabalho ideológico da linguagem mediante discursos coloniais legitimadores que operam de maneira persuasiva.

No mercado sociolinguístico fronteiro de Bonfim, as ideologias de linguagem predominantes são as de padronização e de colonialidade. Essas concepções se estruturam por meio de ideologias contrastivas, que estabelecem diferenciações conforme a posição dos signos no eixo de diferenciação central. O campo indicial projetado a partir do que informaram as participantes é marcado por contrastes racializados, nos quais termos

como “gíria” e “correto” são amplamente utilizados, até mesmo para o que é nomeado como o mesmo item linguístico. A categorização do inglês como gíria ou correto varia conforme o interlocutor, cuja posição na hierarquia étnico-racial local condiciona essa atribuição.

As ideologias de linguagem racializadas identificadas nesta pesquisa se articulam com os estudos sobre ideologias raciolinguísticas (Flores & Rosa, 2015; Alim *et al.*, 2016), ao evidenciarem a coconstrução entre linguagem e raça pelas participantes. A percepção do inglês como “gíria” ou “correto” varia conforme o grupo étnico-racial avaliado, como indo-guianenses e afro-guianenses, e depende de quem faz a avaliação. Além disso, os resultados indicam a interseção com a classe social, refletida em juízos sobre riqueza, ocupação e moradia, consolidando a relação histórica e política entre linguagem, raça e classe na Guiana.

Os resultados sobre o valor do inglês na fronteira Brasil-Guiana dialogam com os estudos sobre mercantilização da linguagem (Duchêne & Heller, 2012), ao indicarem que esse recurso é percebido como uma habilidade técnica útil fora da região, especialmente quando se trata do referente de inglês mais amplamente reconhecido. Além disso, o inglês é visto como um elemento de distinção em Bonfim, sendo mobilizado para serviços de tradução e comunicação, garantindo acesso a determinados espaços, sobretudo institucionais.

Embora os participantes reconheçam a utilidade do inglês para os aspectos mencionados, os discursos de lucro não possuem legitimidade local. Isso ocorre, em parte, porque o discurso de orgulho não é mobilizado para fortalecer o sentimento de pertencimento necessário à conversão de orgulho em lucro. Os dados não indicam que a linguagem seja construída como um elemento de autenticidade dos guianenses, e, no contexto local, a habilidade técnica associada ao inglês não é amplamente mobilizada.

Portanto, os dados desta pesquisa indicam que o inglês, embora globalmente valorizado, faz parte

6 We will argue that it is this indexical and interdiscursive process that attributes value to English, and that this underlines the importance of practice in the constitution of the linguistic market – it is not imposed rules or external systems that determine the structure of the market, but people’s practices in discourse.



de uma dinâmica distinta na fronteira Brasil-Guiana. Sua utilidade e seu valor de troca estão ligados à maneira como ele é classificado mediante a racialização de seu falante, sendo frequentemente visto como ferramenta de comunicação externa, mas com baixo valor local. Os dados examinados revelam que, em Bonfim, o inglês funciona mais como um marcador de distinção entre grupos étnico-raciais e entre classes sociais do que como um recurso capaz de gerar benefícios econômicos diretos na região. O papel do inglês, no contexto local, reforça uma hierarquia que limita seu valor de mercado, relacionado mais à mobilidade social e ao acesso a esferas institucionais fora da fronteira do que a um capital simbólico ou econômico dentro da comunidade local.

## Conclusão

Este estudo objetivou elucidar o trabalho ideológico da linguagem nos discursos de migrantes guianenses em torno da atribuição de valor ao recurso linguístico nomeado como inglês, explorando como as ideologias raciolinguísticas orientam essa valorização na fronteira Brasil-Guiana. Verificamos que os itens linguísticos do inglês reconhecido fora de Bonfim apresentam valor de troca apenas fora desse contexto, ainda que essa conclusão resulte da nossa expectativa inicial de valorização do recurso. No entanto, os dados indicam que, apesar do reconhecimento externo, esse inglês possui menor valor na região de Bonfim-Lethem. Os participantes não compartilham essa perspectiva comparativa nem a expectativa de valorização.

No que se refere ao valor desse recurso em outros espaços, este estudo não dispõe de dados para essa valorização, mas a literatura acadêmica revisada aponta que o inglês é valorizado fora desse contexto. No âmbito local, as condições socioeconômicas não exigem práticas linguísticas específicas, nem mobilizam apenas um determinado referente de inglês. Assim, em termos de trocas econômicas, o inglês não desempenha um papel significativo, evidenciando a relação entre as ideologias raciolinguísticas locais e a contradição entre valor de uso e de troca em Bonfim.

De acordo com Harvey (2014), o valor de troca pressupõe um alto valor de uso, o que não se verifica em Bonfim. As variedades locais do inglês possuem baixo valor de uso, pois a comunicação é afetada por fatores como vergonha e julgamento social. Já os itens linguísticos mobilizados na fronteira e nos outros centros urbanos têm um valor de uso mínimo no contexto fronteiriço, uma vez que seus falantes são desvalorizados por sua posição racializada e socioeconomicamente periférica. Em consequência, o valor de troca desses itens linguísticos está vinculado às oportunidades fora da região de fronteira, sendo condicionado pelas hierarquias impostas pela branquitude.

As contribuições teórico-metodológicas deste estudo estão na análise da relação entre linguagem e raça em contextos periféricos, destacando o impacto das ideologias raciolinguísticas sobre um recurso linguístico. A pesquisa também revela a persistência das relações coloniais, evidenciando como essas ideologias moldam as percepções e ajudam a perpetuar desigualdade social e diferenciação racial. Quanto às limitações, a pesquisa não conseguiu detalhar de maneira mais aprofundada a construção racializada dos discursos que orientam a valorização do inglês, devido ao número reduzido de participantes e ao campo etnográfico prejudicado pela pandemia, o que acabou por limitar a amplitude dos dados gerados.

## Referências

- Alim, H. S., Rickford, J. R., & Ball, A. F. (2016). Introducing raciolinguistics. In *Raciolinguistics: How language shapes our ideas about race* (pp. 1-30). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780190625696.003.0001>
- Anderson, B. (2006[1983]). *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. Verso. [Tradução brasileira: Anderson, B. (2008). *Comunidades imaginadas* (D. Bottman, Trad.). Companhia das Letras.]
- Blommaert, J., & Backus, A. (2013). Superdiverse repertoires and the individual. In *Multilingualism and multimodality* (pp. 9-32). Brill. [https://doi.org/10.1007/978-94-6209-266-2\\_2](https://doi.org/10.1007/978-94-6209-266-2_2)

- Braga, A. P. A. (2016). *Afro-guianenses em Boa Vista: língua, religião e arte* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Roraima]. Repositório Institucional UFRR. <http://repositorio.ufr.br:8080/jspui/handle/prefix/373>
- Devonish, H., & Thompson, D. (2012). Guyanese creole (Creolese). In B. Kortmann & K. Lunkenheimer (Orgs.), *The Mouton world atlas of variation in English*. De Gruyter, Inc. <https://doi.org/10.1515/9783110280128.265>
- Duchêne, A., & Heller, M. (Orgs.). (2012). *Language in late capitalism: Pride and profit*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203155868>
- Elango, V., Coutinho, I., & Lima, S. (2018). A language vitality survey of Macuxi, Wapichana, and English in Serra da Lua, Roraima (Brazil). In W. de Lima Silva & K. Riestenberg (Orgs.), *Collaborative approaches to the challenge of language documentation and conservation: Selected papers from the 2018 Symposium on American Indian Languages —SAIL*. (Special Publication N.º 20, pp. 123-151). *Language Documentation & Conservation*. <http://hdl.handle.net/10125/24936>
- Flores, N. (2019). Translanguaging into raciolinguistic ideologies: A personal reflection on the legacy of Ofelia García. *Journal of Multilingual Education Research*, 9(1), 45-60.
- Flores, N. (2020). From academic language to language architecture: Challenging raciolinguistic ideologies in research and practice. *Theory into Practice*, 59(1), 22-31. <https://doi.org/10.1080/00405841.2019.1665411>
- Flores, N., & Rosa, J. (2015). Undoing appropriateness: Raciolinguistic ideologies and language diversity in education. *Harvard Educational Review*, 85(2), 149-171. <https://doi.org/10.17763/0017-8055.85.2.149>
- Fonseca, N. B. (2015). *Construção identitária de alunos guianenses que estudam em Bonfim-RR* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Roraima]. Repositório Institucional UFRR. <http://repositorio.ufr.br:8080/jspui/handle/prefix/363>
- Fonseca, N. B. (2023). *Ideologias de linguagem na periferia do capitalismo tardio: o campo indicial do inglês na fronteira Brasil-Guiana* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume – Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://hdl.handle.net/10183/277304>
- Gal, S., & Irvine, J. T. (2019). *Signs of difference: Language and ideology in social life*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108649209>
- Garcez, P. M., Bulla, G. D. S., & Loder, L. L. (2014). Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 30, 257-288. <https://doi.org/10.1590/0102-445078307364908145>
- Harvey, D. (2014). *Seventeen contradictions and the end of capitalism*. Oxford University Press.
- Heller, M., Pietikäinen, S., & Pujolar, J. (2018). *Critical sociolinguistic research methods: Studying language issues that matter*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315739656>
- Irvine, J. T. (1989). When talk isn't cheap: Language and political economy. *American Ethnologist*, 16(2), 248-267. <https://doi.org/10.1525/ae.1989.16.2.02a00040>
- Jaffe, A. (2000). Comic performance and the articulation of hybrid identity. *Pragmatics. Quarterly Publication of the International Pragmatics Association (IPRA)*, 10(1), 39-59. <https://doi.org/10.1075/prag.10.1.02jaf>
- Lima, F. S. (2015). *Professores em formação no contexto de fronteira Brasil/Guyana: representações sobre a língua inglesa* [Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Roraima]. Repositório Institucional UFRR. <http://repositorio.ufr.br:8080/jspui/handle/prefix/456>
- Machado, A., & Pereira, J. P. (2019). Diagnóstico sociolinguístico nas escolas municipais após a sanção à Lei 211/2014, que cooficializou as línguas indígenas na sede do Município de Bonfim, Roraima. *Tellus*, 19(40), 137-161. <https://doi.org/10.20435/tellus.v19i40.628>
- Makoni, S., & Pennycook, A. (2005). Disinventing and (re) constituting languages. *Critical Inquiry in Language Studies*, 2(3), 137-156. [https://doi.org/10.1207/s15427595cils0203\\_1](https://doi.org/10.1207/s15427595cils0203_1)
- Makoni, S., & Pennycook, A. (Orgs.). (2007). *Disinventing and reconstituting languages*. Multilingual Matters. <https://doi.org/10.2307/jj.27939678>
- Martino, G. N. S. (2016). *Educação na fronteira: desafios e perspectivas da educação escolar na fronteira Brasil-Guiana* [Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Roraima]. Repositório Institucional UFRR. <http://repositorio.ufr.br:8080/jspui/handle/prefix/369>
- Mason, J. (2002). *Qualitative researching* (2a. ed.). SAGE Publications.
- McElhinny, B., & Heller, M. (2020). The linguistic intimacy of five continents. In H. Samy Alim, A. Reyes, & P. Kroskrity (Orgs.), *The Oxford handbook of language and race* (pp. 130-152). Oxford University Press.

- O'Regan, J. P. (2021). *Global English and political economy*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315749334>
- Park, J. S. Y. (2009). *The local construction of a global language: Ideologies of English in South Korea*. Mouton de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110214079>
- Park, J. S.-Y. (2021). *In pursuit of English: Language and subjectivity in neoliberal South Korea*. Oxford University Press.
- Park, J. S.-Y., & Wee, L. (2012). *Markets of English: Linguistic capital and language policy in a globalizing world*. Routledge.
- Prudente, M. P. (2019). *As línguas wapichana, macuxi, português, inglês, crioulo e espanhol nos cenários sociolinguísticos fronteiriços do Brasil com a República Cooperativa da Guiana* [Tese de doutorado – Universidade Federal de Goiás]. Repositório Institucional UFG. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10150>
- Rosa, J., & Flores, N. (2017). Unsettling race and language: Toward a raciolinguistic perspective. *Language in Society*, 46(5), 621-647.
- Su, H.-Y. (2022). Politeness as signs of difference: Semiotic differentiation and identity among Taiwanese in China. *Journal of Sociolinguistics*, 27(1), 66-86. <https://doi.org/10.1111/josl.12585>
- Wirtz, K. (2020). Racializing performances in colonial time-spaces. In H. S. Alim, A. Reyes, & P. Spotti (Orgs.), *The Oxford handbook of language and race* (pp. 208-229). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190845995.013.12>

## Anexo. Convenções de transcrição

Símbolo	Nome	Significado
.	(ponto final)	entonação descendente
?	(ponto de interrogação)	entonação ascendente
,	(vírgula)	entonação de continuidade
↑	(seta para cima)	mais agudo
↓	(seta para baixo)	mais grave
palav-	(hífen)	marca de corte abrupto
pala::vra	(dois pontos)	prolongamento do som (maior duração)
palavra	(sublinhado)	sílabas ou palavras enfatizadas
PALAVRA	(maiúsculas)	intensidade maior ("volume" alto)
°palavra°	(sinais de graus)	intensidade menor ("volume" baixo)
>palavra<	(sinais de maior do que e menor do que)	fala acelerada
<palavra>	(sinais de menor do que e maior do que)	fala desacelerada
hh	(série de h's)	aspiração ou riso
.h	(h's precedidos de ponto)	inspiração audível
=	(sinais de igual)	elocuções contíguas, sem intervalo
[ ]	(colchetes)	início e fim de falas simultâneas/ sobrepostas
(2,4)	(números entre parênteses)	medida de silêncio (em segundos e décimos de segundos)
Símbolo	Nome	Significado
(.)	(ponto entre parênteses)	micropausa de até 2/10 de segundo
( )	(parênteses vazios)	fala que não pôde ser transcrita
(palavra)	(segmento de fala entre parênteses)	transcrição duvidosa
((olha para baixo))	(parênteses duplos)	descrição de atividade não-vocal

Fuente: Garcez et al. (2014, p. 272)

**Como citar este artigo:** Fonseca, N. B. & Garcez, P. M. (2025). A cor do valor: o inglês como índice de racialização na fronteira Brasil-Guiana. *Íkala. Revista de Lenguaje y Cultura*, 30(3), e360063. <https://doi.org/10.17533/udea.ikala.360063>